

ANO 16° N° 66 2ª SÉRIE DEZEMBRO DE 1972 PREÇO \$50



O TÊXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

LE «O TÊXTIL»

DIVULGA «O TÊXTIL»
ESTE É O TEU JORNAL

RECOLHE DINHEIRO
PARA «O TÊXTIL»

TÊXTEIS DO PORTO EXIJAMOS A NORMALIZAÇÃO DO SINDICATO !

No último número de «O Têxtil» procuramos analisar a actuação dos elementos que compunham a lista B e a Comissão Sindical. É provável que alguns leitores tenham discordado por termos responsabilizado os seus colegas por alguns aspectos de mau trabalho.

Aproveitamos para dizer que de forma alguma pretendemos pôr em cheque a sua honestidade de trabalhadores. Pelo contrário, pretendemos nesse artigo apenas analisar alguns aspectos da sua actuação que continuamos a pensar terem sido errados e terem contribuído para a perda de perspectivas e frustrações de muitos trabalhadores da classe.

É precisamente com o objectivo de reactivar e dinamizar a luta dos têxteis que voltamos ao assunto.

Sem dúvida que o patronato e os dirigentes fascistas sabendo da importância que teria a presença de uma direc-

ção honesta à frente de um sindicato tão importante como o têxtil, tudo fariam para impedir que isso se desse. Sem dúvida que o conseguiram, recorrendo para isso de todos os meios como é do conhecimento de todos.

Os operários têxteis para romper com o impasse em que a situação se encontra, têm, como já o afirmamos, que sacudir a passividade que tem caracterizado a sua luta, particularmente nos últimos tempos, e passar decididamente à acção.

Como? Perguntarão os nossos leitores.

Pensamos que um dos primeiros passos terá que ser a realização de amplas reuniões para discutirem a situação actual da luta, o reforço da Comissão Sindical (e isto é muito importante) integrando nela homens firmes, prestigiados e combativos. Dessas reuniões deveriam sair documentos amplamente distribuídos e nos quais se deveria

chamar a atenção da classe para a situação em que se encontra o seu Sindicato e chamá-los à acção.

Outra das formas de luta que se impõe neste momento é o de amplas concentrações no Sindicato e no INTP para exigir a realização imediata de eleições que levem à normalização da vida do Sindicato.

Grupos de operários têxteis deveriam igualmente pressionar os jornais diários para neles serem publicadas reportagens e notícias sobre a situação do Sindicato.

Um amplo abaixo-assinado deveria ser posto a circular entre a classe, dirigido ao Governo, protestando contra a situação em que o Sindicato se encontra há longos anos e exigir medidas imediatas para a sua normalização. É evidente que os trabalhadores têxteis não devem ficar a aguardar indefinidamente a resposta a este documento.

(cont. na pág. 4)

Campus 29-1-73
Rec. 3-2-73

0051-D

LUTEMOS CONTRA OS DESPEDIMENTOS!

Na « Declaração » de Agosto da Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista Português, sobre o Acordo do Governo português com o Mercado Comum, dizia-se que esse Acordo iria submeter ainda mais a economia portuguesa aos interesses dos monopólios internacionais.

De facto, apesar das trombetas de alguns ministros que apresentaram o resultado das negociações de Bruxelas como uma grande vitória da « diplomacia portuguesa », tal Acordo coloca a economia do País na estrita dependência das grandes potências estrangeiras dos monopólios internacionais e de alguns mercados e espaços económicos capitalistas.

Na prática, e isto é o que nos interessa focar neste artigo, semelhante Acordo ainda que dê algumas magras vantagens para alguns produtos agrícolas (o que não vai resolver o problema de fundo da agricultura) serviu também para os países mais poderosos do Mercado Comum imporem medidas discriminatórias em relação a alguns produtos portugueses considerados « sensíveis », nomeadamente os têxteis. Aliás o próprio ministro Rui Patrício não pôde esconder esse facto, dizendo que « as limitações aduaneiras relativas às nossas exportações de têxteis e vestuário constituem certamente uma parte negati-

va do Acordo ».

O que significa isto para milhares de trabalhadores têxteis? Melhores condições de trabalho, mais regalias e melhores salários? Certamente que não, o que não nos deve admirar. A presença dos « negociadores portugueses » em Bruxelas e os consequentes acordos foram sim, para tratar dos interesses dos grandes capitalistas e latifundiários, totalmente contrários aos das massas trabalhadoras. Afinal, o Governo foi mais uma vez coerente com a sua qualidade de governo dos grandes monopolistas.

A necessidade de concentrarem a indústria têxtil em grandes empresas, dominadas pelos capitalistas mais poderosos, quer nacionais ou estrangeiros, provocará o encerramento das empresas mais pequenas, o que leva inevitavelmente ao despedimento de grandes massas de trabalhadores. Por outro lado a necessidade de produzir a preços competitivos com indústrias muito mais poderosas e desenvolvidas, irá traduzir-se essencialmente na intensificação da exploração, em ritmos de trabalho cada vez mais violentos, pagamento de baixos salários, etc. São estas entre outras as consequências do tão cantado Acordo com o Mercado Comum.

Evidentemente que o desemprego e a exploração não passam a ser factos novos pa-

ra os trabalhadores, particularmente os têxteis, pois tem sido uma constante desde que o regime foi implantado. A ligação de Portugal aos blocos económicos europeus irá, isso sim, agravar indubitavelmente ainda mais esses e outros problemas que afectam o povo português e em primeiro lugar as massas trabalhadoras.

Alguns exemplos do que atrás se afirma já se estão verificando. São os casos das importantes empresas têxteis Sampaio & Ferreira de Riba d'Ave e da Coelma de Pevlém, que chamaram uma empresa americana para reorganizarem os seus serviços. Quererá isto dizer que os operários dessas empresas passarão a beneficiar de melhores regalias e maiores salários? É evidente que não. Pelo contrário, para muitos deles essa reorganização já se traduziu no desemprego e num acumular de dificuldades enquanto para os que ficaram se traduziu num aumento de ritmos de trabalho e exploração.

O que fazer? Esperar que o INTP tome medidas para defender os interesses dos trabalhadores? Recorrer aos tribunais para reclamar indemnizações? Aguardar que a legislação fascista solucione esses problemas? É claro que não.

Os trabalhadores devem recorrer antes às mais variadas

(cont. na pág. 4)

EMPRESA
FABRIL DO NORTE

Depois de um colóquio em que foi discutido o problema das mães trabalhadoras devido à falta de creches, as operárias da E.F.N. entregaram na gerência um abaixo-assinado com cerca de 350 assinaturas para reclamar o direito de os seus filhos se manterem na creche da empresa para além dos 4 anos e até à idade escolar.

Um dos directores falou das poucas viabilidades de ser satisfeita a reivindicação das operárias, prometendo no entanto ouvir uma comissão de mulheres.

Não sabemos o que se terá passado posteriormente.

Alertamos as operárias para a importância de continuarem unidas por reivindicação tão importante, pois trata-se de um problema grave que só ficará resolvido com persistência e sem desânimos.

O exemplo das operárias da E.F.N. deve ser seguido pois só assim as mães trabalhadoras poderão forçar o patronato e as autoridades a tomarem medidas.

O problema da falta de creches deve merecer a maior atenção de todas as operárias, nomeadamente das empresas mais importantes e de zonas fabris, promovendo reuniões para discutirem esse problema e resolverem quais as formas de luta a seguir.

TÊXTEIS DA CUF DO BARREIRO

A Comissão Sindical dos operários têxteis desta empresa entregou nos meses de férias um abaixo-assinado ao Sindicato exigindo a conyocação duma Assembleia Geral Extraordinária para discutir a revisão do seu Contrato Colectivo de Trabalho e o grave problema das intoxicações, problema que causou em mais de uma centena de operários graves intoxicações que os levaram ao hospital.

Com justificações de laço (que os operários tinham era de esperar por notícias do Sindicato em vez de exigí-las...) o presidente da Assembleia Geral responde aos trabalhadores passado um mês, recusando-se a marcar a data para a Assembleia.

Não se deixando ludibriar, os trabalhadores deslocam-se em Comissão ao INTP de Setúbal a fim de protestarem contra a ilegalidade.

Ludindo o direito que assiste estatutariamente aos trabalhadores têxteis, o delegado do INTP, como servidor zeloso que é dos interesses do patronato, responde que não podia ser marcada uma Assembleia Extraordinária para discutir tais problemas... mas que os trabalhadores poderiam aproveitar a Assembleia Ordinária, marcada dias depois para discutir o relató-

rio de contas para aí tratar do problema.

Não desistindo da sua inicial e justa reivindicação os trabalhadores comparecem em número de 500 à Assembleia onde, através das suas intervenções desmascaram a ilegalidade cometida pelo Presidente da Assembleia Geral, acusam a direcção de não servir os interesses da classe e preparam-se para votar uma moção de desconfiança à direcção, caso não fosse aceite a sua reivindicação para marcar a Assembleia Geral Extraordinária.

Fe' ante a firmeza demonstrada pelos trabalhadores o Presidente da Assembleia Geral é obrigado a recuar, sendo marcado ali mesmo o dia da Assembleia pedida pelos trabalhadores.

Eis um bom exemplo de como a luta unida dos trabalhadores faz recuar os rácois mais obstinados.

Que os trabalhadores têxteis da CUF tirem delas as suas devidas lições e se lancem com audácia na conquista de novas vitórias.

RADIO MOSCOVO

Transmite para Portugal em emissões diárias das 19 às 21 horas em 19, 25 e 31 metros.

NORMALIZAÇÃO DO SINDICATO

(cont. da pág. 1)

Esta acção deve ser acompanhada de outras formas de luta, e, insatisfeitos, nas concentrações no Sindicato e no INTP porque só assim conseguiremos forçar o Governo e o patronato.

Para melhor coordenar e organizar a luta é indispensável a formação de comissões sindicais de empresa

porque é a partir daí que, no fundamental, a classe tem que ser mobilizada.

O que sugerimos serão os primeiros passos para uma luta que terá forçosamente que mobilizar grande número de trabalhadores e que poderá e deverá recorrer a outras formas de luta mais audaciosas.

Para a acção trabalhadores têxteis!

RENDAS DE CASA

(cont. da pág. 6)

os bairros camarários onde além de se pagar caro se continua a não ter um mínimo de condições.

Que faz entretanto ou o que fez ao longo destes anos o Governo fascista para resolver tão grave problema? Nada! Pelo contrário, permite-se uma escandalosa corrida especulativa com os preços dos terrenos, onde alguns em meia dúzia de transacções têm ganho fortunas, permite-se uma autêntica corrida ao lucro fácil das grandes companhias construtoras e de alguns proprietários de prédios, deixa-se o problema da habitação entregue aos favores de uma ou outra obra de beneficência, canalizam-se os dinheiros da Previdência para a construção de moradias luxuosas, em investimentos para ajudar empresas monopolistas e para a manutenção da guerra.

Entretanto os deputados

fascistas na chamada Assembleia Nacional discutem propostas de lei que permitirão o que chamam actualização de rendas de casa de Lisboa e Porto.

Nem outra coisa é de esperar de uma assembleia fascista que terá inevitavelmente que reflectir a política de um governo voltado contra os interesses do nosso povo, defensor dos interesses dos grandes capitalistas portugueses e estrangeiros e dos latifundiários.

A solução do problema da habitação, como a solução de qualquer outro problema nacional, só se fará, quando, derrubado odiado regime, for instaurado um governo popular, defensor dos interesses do nosso povo.

Entretanto e desde já, será possível através do protesto massivo e da luta unida dos trabalhadores, de toda a população, levar o Governo a tomar medidas mais eficazes

RádioPortugal Livre

Transmite diariamente das 8 às 8,30 horas em 19, 20, 20,8 e 25 metros.

Das 19 às 21 horas em 19 e 25 metros.

Das 0,20 às 0,50 horas em 25, 26, 32 e 36 metros.

Aos domingos transmite ainda das 15 às 15,30 horas em 19, 20, 25 e 26 metros.

DESPEDIMENTOS

(cont. da pág. 2)

formas de luta para impedir os despedimentos. No caso concreto dos operários despedidos, estes devem exigir o direito ao trabalho e além das respectivas indemnizações a que têm direito, o seu salário até serem de novo readmitidos.

Há, por outro lado, que estar alerta, sem se deixar iludir pelas promessas sempre prontas do INTP ou por manobras que tentem arrastar a solução dos seus problemas.

Concentrando-se nas empresas, no INTP e nas Câmaras, os operários devem reclamar justas indemnizações e garantia de emprego.

que ponham cobro à subida constante das rendas e ao aproveitamento dos dinheiros da Previdência e outros fundos para a construção de casas económicas, com um mínimo de condições, obrigando enfim a serem tomadas medidas que evitem o agravamento da situação.

A LUTA CONTRA A REPRESSÃO TEM QUE CONTINUAR!

A recente abolição das celeradas medidas de segurança, que prolongavam arbitrariamente o tempo de prisão dos presos, já depois de cumprida a pena a que tinham sido condenados, contribuindo grandemente para o arruinar da sua saúde; forma de repressão só praticada pelos regimes mais ditatoriais, a sua recente abolição é uma importante vitória da luta popular contra a repressão.

Ela é sem dúvida o coroar de uma campanha que se arrastou ao longo de anos e para a qual os trabalhadores, os democratas, os juristas e a solidariedade internacional, contribuíram com o seu esforço decisivamente.

Ela representa para o fascismo uma pesada derrota imposta pelas forças democráticas e em primeiro lugar pela acção do Partido Comunista Português, pois não foi de boa vontade que o fascismo se viu privado deste método de repressão tão importante para o regime.

Entretanto a vitória alcançada não deve amolecer a luta que se tem que continuar a travar contra a repressão. Pelo contrário, a vitória alcançada só confirma que mesmo nas condições actuais é possível fazer recuar o regime, quando para isso se lhe opuser um forte, unido e perliáz movimento de luta.

Actualmente a repressão longe de diminuir tem-se intensificado. Já no último « O Têxtil » se alertava para isso e se denunciava o recente assassinato pela PIDE-DGS do estudante J. Ribeiro dos Santos e o que isso reflectia como agudizar da repressão.

A situação não se alterou. A repressão continua nas suas múltiplas formas e é particularmente violenta quando se trata de reprimir qualquer movimento reivindicativo dos trabalhadores. São os trabalhadores um dos seus alvos principais. A luta contra a repressão deve ser uma preocupação constante para cada trabalhador.

Eis porque em cada fábrica, em cada local de trabalho, nas comissões democráticas e nas comissões de socorro, os trabalhadores têxteis, tal como os restantes trabalhadores de outras classes se devem integrar nas campanhas em curso, reivindicando uma ampla amnistia e a libertação de todos os presos políticos, aumentando, ao mesmo tempo, a solidariedade moral e material aos presos e suas famílias.

Há que opor uma cerrada barreira de luta à intensificação da repressão, única forma de a travar e conquistar novas vitórias nesta importante frente de lutas.

ATENÇÃO AOS BUFOS!

É oportuno, perante o intensificar da repressão fascista, chamar a atenção dos trabalhadores para a necessidade de denunciar, isolar e fazer a vida negra, aos asquerosos bufos de que o fascismo e o patronato se servem para exercer a repressão junto dos trabalhadores e fazer abortar as suas lutas.

Os seus nomes devem ser conhecidos de todos os trabalhadores para mais facilmente serem combatidos e escorraçados do seio e convívio de pessoas honestas.

Embora não sendo operários têxteis consideramos importante levar desde já ao vosso conhecimento o nome de dois miseráveis que entregaram à PIDE um colega de trabalho, o jovem operário da APDL (Matosinhos) José Hirmínio Ferreira Neves.

São eles:

— José da Silva Danho, motorista e bufo, morador na Rua Brito Capêlo, 502 em Matosinhos.

— José António Linhas Branco, lavador de carros e bufo, morador na Foz do Douro.

Assim como o do canalha António Pinheiro Martins Coelho, instrutor na escola de Condição do Carvalhido, morador na Rua Nova do Tronco, 720 no Porto, que denunciou e mandou prender o jovem militante anti-colonialista João Pinto, de Oliveira de Azemeis.

LUTEMOS CONTRA O AUMENTO DAS RENDAS DE CASA !

Por mais que uma vez o nosso jornal tem alertado os trabalhadores para o significado do constante aumento do custo de vida, nos seus mais diversos aspectos, desde os produtos de primeira necessidade, ao vestuário, calçado e rendas de casa, facto que nos últimos anos tem atingido expressões alarmantes, com o consequente reflexo na economia de cada trabalhador, visto que cada vez mais a expressão do seu salário nominal se afasta do seu valor real. Isto é: Como os salários não têm nem de perto acompanhado a subida do custo de vida, o salário dos operários dá cada vez menos não só para cobrir as suas despesas fundamentais, tais como a de uma alimentação para si e para os seus filhos com um mínimo de qualidade, como ainda para poder comprar todo o resto de artigos indispensáveis à vida das pessoas, sem falar já da satisfação das suas necessidades sociais e culturais.

Marcelo Caetano e alguns dos seus ministros, reflectindo a gravidade que o problema está tendo, têm-se a ele referido por diversas vezes em demagógicas afirmações que só pretenderam camuflar o fundo e a solução do problema. Na mesma linha se enquadram as campanhas levadas a cabo pelas brigadas de inspecção das Actividades

Económicas, como se o problema fosse só, ou fosse sequer o mais importante, a especulação praticada por alguns comerciantes com o preço de alguns artigos, e não um problema mais de fundo, problema que se prende com a estrutura da própria sociedade capitalista, com a manutenção e defesa das fabulosas margens de lucro dos monopólios, e com os astronómicos gastos em despesas improdutivas com a manutenção do aparelho militar e repressivo do fascismo, na manutenção duma guerra colonial, estes dos principais factores da inflação.

M. Caetano e os seus ministros têm procurado apresentar o problema da inflação como uma praga universal, à qual Portugal não poderia fugir, e para a qual ainda não teria sido encontrado o devido remédio.

É bem verdade que o problema da inflação não é um produto exclusivamente português. Ele é sem dúvida um reflexo das dificuldades e da crise em que se debate o sistema económico capitalista a que só a tomada do poder pelos operários e a instauração do socialismo poderia resolver.

Mas Caetano deveria também dizer que no que nos diz respeito temos um dos mais altos índices de inflação de toda a Europa, muito além mesmo da vizinha Espanha e da Grécia, que é no nosso país

que se praticam dos mais baixos índices de salários e que por isso o problema da inflação atinge no nosso país expressões muito mais graves, pois diariamente diminui o limitado poder de compra dos trabalhadores, agravando constantemente as suas condições de vida.

Um dos índices de subida mais significativos e dos que mais afectam a economia dos trabalhadores é, sem dúvida, o que diz respeito às rendas de casa. Efectivamente e já não só nas grandes cidades (há cidades do interior onde o preço de uma casa com um mínimo de condições está vedada a qualquer trabalhador) o problema do aumento constante das rendas torna-se cada vez mais agudo, atingindo particularmente para o jovem trabalhador que se casa e necessita de uma casa para começar a sua nova vida, ou para aqueles que por uma ou outra razão são obrigados a mudar, autêntico drama, para serem resolvido, com um mínimo de condições, essa necessidade essencial da sua vida.

Para alguns a solução, particularmente nas grandes cidades, é o bairro de lata, a parte de casa ou viver em autêntica promiscuidade nessas «ilhas» antigas ou ainda na sua expressão mais actual essas «ilhas ao alto» que são

(cont. na pág. 4)